

A MAMOA DA «MAMA DO FURO» (FIGUEIRA DA FOZ)

POR

Raquel Vilaça (*)

1. Introdução

À escavação da mamoa cujos resultados ora se publicam decorreu ao longo de duas campanhas, durante os meses de Julho e Outubro de 1985 e Julho de 1986.

A sua realização foi possível graças a um subsídio concedido pelo Instituto Português do Património Cultural ⁽¹⁾ e ao apoio logístico do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha» e Câmara Municipal da Figueira da Foz ⁽²⁾; participaram, sob nossa orientação, estudantes do curso de História (variante de Arqueologia) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ⁽³⁾ e três (trabalhadores) contratados.

Este monumento era já conhecido em finais do século passado, altura em que Santos Rocha nele realizou escavações (Rocha, 1949, 184-188), encontrando-o com vestígios evidentes de anteriores violações, facto a que o seu próprio nome alude. Mesmo quando decorriam os seus trabalhos, ele foi alvo de novas destruições, acabando por desaparecer o que aquele arqueólogo havia posto a descoberto. Tratava-se das ruínas de um monu-

(*) Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra.

(1) No montante de Esc.: 175.000\$00.

(2) Agradecemos, em especial, à Dr.^a Isabel Pereira, Directora do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», todo o apoio que nos dispensou.

(3) João Redol, Paulo Félix, João Marques, Luís Henriques, Manuel Carvalho, Isabel Fernandes, António Monteiro, Ana Isabel Silva, Maria Miguel Lucas, Maria Leonor Pontes, António Marques, Sérgio Pereira, Jorge Adolfo Marques, Ana Lúcia Ribeiro, Júlia Pinção e Maria Helena Santos. Na elaboração da planta da mamoa contámos com a especial ajuda do Sr. Álvaro Quinteiro. O material foi desenhado pelo Dr. José Luís Madeira.

mento megalítico de câmara e corredor orientado no sentido Este-Oeste, com dois esteios do lado Norte da câmara, tombados para dentro, e outros dois, no corredor, com uma laje de cobertura.

Pareceu-nos importante, tendo em conta o nosso projecto de investigação sobre a Pré-História Recente do Baixo Mondego, confirmar ou corrigir os dados recolhidos por Santos Rocha e, ao mesmo tempo, completar o estudo do monumento que as preocupações e concepções científicas da época não permitiram concretizar.

A metodologia adoptada baseou-se naquela que, de há uns anos a esta parte, vem sendo utilizada pela equipa e colaboradores do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (Baião) ⁽⁴⁾.

Após a limpeza da densa vegetação que cobria o monumento, estabeleceram-se dois eixos perpendiculares entre si, orientados segundo os pontos cardeais e fazendo-os passar pela parte mais central da mamoa; procurou-se, todavia, fugir de possíveis cruzamentos com os pinheiros, que não queríamos nem tínhamos possibilidade de deitar abaixo. A mamoa foi depois inscrita num rectângulo de 30 × 32 m e definida no seu interior uma malha quadrangular com 2 m de lado (cada quadrado foi identificado por uma letra e um número), a partir dos dois eixos previamente estabelecidos; todos os pontos foram cotados em função de um ponto convencional zero, correspondente ao ponto mais alto do monumento. As cotas que apresentamos são, assim, sempre negativas. Escolheram-se, de seguida, quatro sanjas, com dois metros de largura, a que se juntou uma quinta (que se designou por «sanja Este 2» para se distinguir da primeira, a «sanja Este 1»), com 1,50 m, que foram escavadas por decapagens sucessivas.

2. Enquadramento

A «Mama do Furo» situa-se num dos pontos mais altos da parte ocidental da Serra da Boa Viagem, em terrenos administrados pela Direcção Geral das Florestas, pertencentes à freguesia de Quiaios, concelho da Figueira da Foz, a cerca de 70 m da estrada florestal que segue da povoação da Serra e passa junto à Capela de Santo Amaro (Carta Militar, esc. 1/25.000, folha 239; coordenadas militares: 358.000 e 136.000; altitude absoluta: c. 230 m) (Fig. 1).

(4) Sobre este assunto, veja-se, em especial, o artigo de Vítor de Oliveira Jorge, *Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos*, «Setúbal Arqueológica», IV, 1978, pp. 241-254 e numerosos artigos, de vários investigadores, publicados nestes últimos anos na revista «Arqueologia», Porto, G.E.A.P.

A Serra da Boa Viagem é uma das mais importantes elevações da região natural do Baixo Mondego. Trata-se de um promontório, orientado contra o mar, atingindo o seu ponto mais alto 258 m de altitude na Bandeira; é depois secundada pelas serras das Alhadas e de Brenha, que a prolongam para Nascente. Ao declive íngreme da sua vertente Norte, opõe-se a suavidade e quase doçura do flanco meridional.



Fig. 1 — Localização da «Mama do Furo» (seg. a Carta Militar de Portugal).

A paisagem que a cobre é, hoje, de natureza antrópica, resultado da intensa florestação que sofreu em inícios deste século; a plantação, então, de pinheiros, cedros, acácias e eucaliptos, concedeu-lhe uma «máscara atlântica», que acabou por aniquilar a relação entre os diversos monumentos

existentes e a paisagem que inicialmente conheceram. Se admitirmos que ela seria bem mais árida e desarborizada, com uma cobertura vegetal de tendência mediterrânica, como parecem querer lembrar as raras oliveiras selvagens que ainda existem, da «Mama do Furo» se avistaria o Mondego, o mar e as outras mamoaas mais próximas.

É neste quadro paisagístico que se situa a necrópole megalítica da Serra da Boa Viagem, de que a «Mama do Furo» faz parte. Reunindo, ao tempo de Santos Rocha, cerca de 24 monumentos, de que hoje apenas restam 2/3, todos eles num estado de ruína muito avançado, é um dos principais agrupamentos megalíticos da «orla mesozóica ocidental».

Aqueles monumentos distribuía-se quase linearmente, percorrendo cerca de 13 km de extensão (18 km, se admitirmos que no Ferrestelo e St.^a Olaia existiram, na verdade, monumentos megalíticos), pela cumeada das serras. Excepcionalmente, encontramos-os associados dois a dois, como nas Carniçosas, separados somente por c. 200 m (Rocha, 1949, 20); nunca nos surgem pequenos núcleos, de três ou mais mamoaas, tão comuns a outras regiões. É, pois, o isolamento e individualidade a tónica dominante no que diz respeito à distribuição dos monumentos (Fig. 2).

A área onde a «Mama do Furo» foi construída é das mais pobres da Serra em linhas de água. Os terrenos, formados durante o Jurássico, são constituídos por argilas e arenitos argilosos; os solos, de utilização não agrícola (florestal — classe F) ⁽⁵⁾ são pobres, contrastando com os que ocupam a vertente meridional da Serra, geralmente produtivos.

3. O monumento

A mamoa encontrava-se coberta por denso matagal (cedros, fetos, ervas diversas) e com numerosos pinheiros plantados sobre ela. À superfície não se detectavam vestígios de esteios, notando-se apenas algumas pedras de pequenas dimensões, que acompanhavam a linha periférica da mamoa e que faziam parte, como se veio a verificar, de uma «coroa circular periférica».

Apresentava uma forma sub-circular, alongando-se no sentido Este-Oeste, com um diâmetro máximo de cerca de 28 m. O seu lado Sul, muito mais suave, contrastava com a vertente Norte, de muito maior altura; esta

⁽⁵⁾ Carta Geológica de Portugal, esc. 1/50.000, folha 19-C, Figueira da Foz, Serviços Geológicos de Portugal e Carta de Capacidade de Uso do Solo, esc. 1/1.000.000, 1982, Instituto Hidrográfico.

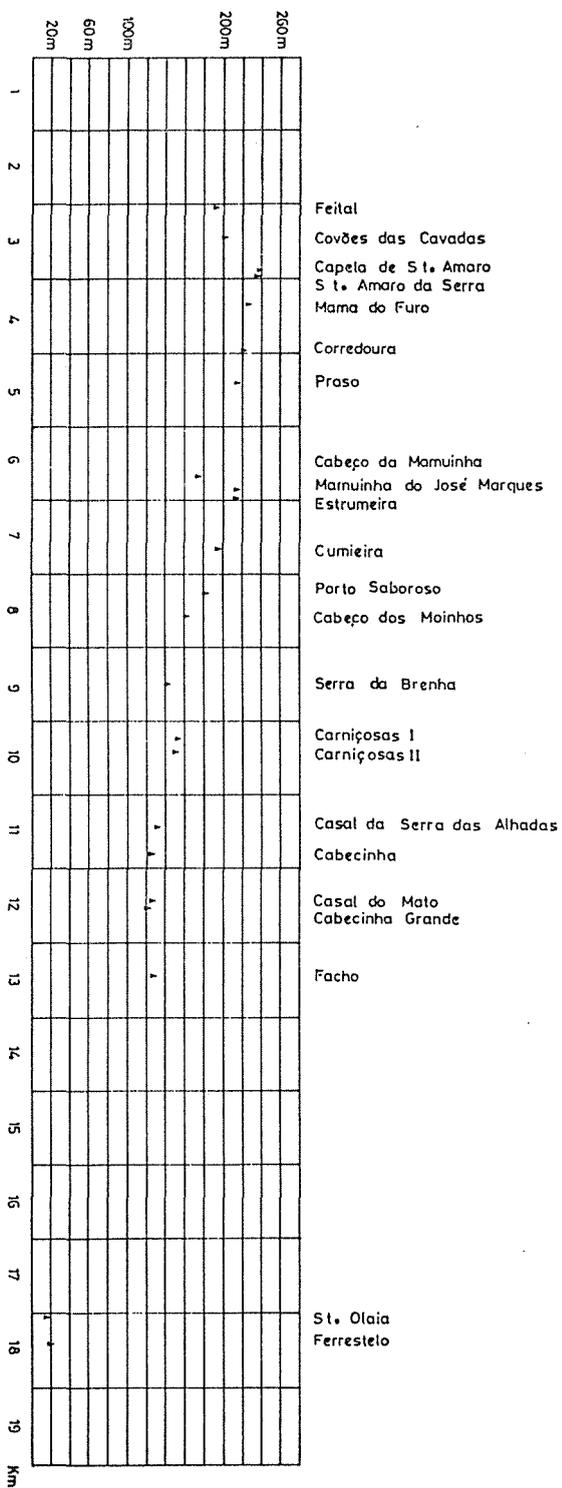


Fig. 2 — Distribuição altimétrica dos monumentos megalíticos.

assimetria evidenciava-se porque o terreno a Sul é aplanado, enquanto que a Norte desce acentuadamente até encontrar um caminho.

Na parte central e prolongando-se para Nascente havia uma enorme depressão, resultado de violações e escavações anteriores (Fig. 3).

As decapagens progressivas nas sanjas escolhidas revelaram que estávamos perante uma mamoa construída com argila, duríssima e muito compacta, a que se deve, talvez, o facto de ela ainda conservar uma altura significativa (2,34 m), não obstante a inexistência de qualquer tipo de «couraça pétrea». Aliás, poderia ter sido a natureza da composição da mamoa, utilizando argila em vez de terra humosa, a dispensar a construção de uma «couraça pétrea».

Com efeito, o que temos é um monumento em argila com apenas duas «coroas líticas», formadas por blocos de grés, calcário e arenitos; uma destas «coroas» é periférica e acompanha o limite da mamoa, com uma função explicitamente de contenção e reforço, fechando-a; a outra, interior, em redor da câmara (contraforte), daria aos esteios uma maior estabilidade.

Esta «coroa» interior apresentava-se aparentemente intacta na sanja Oeste, onde os blocos que a formavam, ligeiramente inclinados para a periferia, tinham dimensões bastante grandes, revelando claramente a sua função prática, indispensável à sustentação e equilíbrio dos esteios; na sanja Norte estava parcialmente destruída e, na sanja Sul, completamente desfigurada (Fig. 4).

Quanto à «coroa» exterior, a sua função de «fechar» o monumento, manifestava-se na sua excelente construção, em particular na sanja Sul, por meio de blocos bem acondicionados entre si e inclinados para o interior, acompanhando a própria mamoa. Entre eles e senivelmente a meio, encontrava-se um bloco em forma de monólito, de arenito, encravado verticalmente e com uma das faces parcialmente afeiçoada.

Na sanja Oeste, a existência de um pinheiro alterou profundamente a constituição da «coroa pétrea» nesta área. A Norte, ostentava um aspecto robusto, utilizando blocos de grandes dimensões, com um grau de inclinação igualmente assinalável.

As sanjas Este revelaram-se completamente diferentes das restantes: é a área do corredor do monumento e de parte da câmara. Nesta zona, aberta na argila de base, encontrámos uma fossa de violação (GeH7/GeH6), com uma profundidade (relativamente à base da mamoa) de c. 1,20 m, medindo no eixo maior c. 3,5 m e menor c. 3 m (Fig. 7).

A «coroa» exterior aparece aqui unicamente nos perfis, o que leva a crer, dado que esta área não foi alvo de violações, que o corredor não seria fechado por esta estrutura.

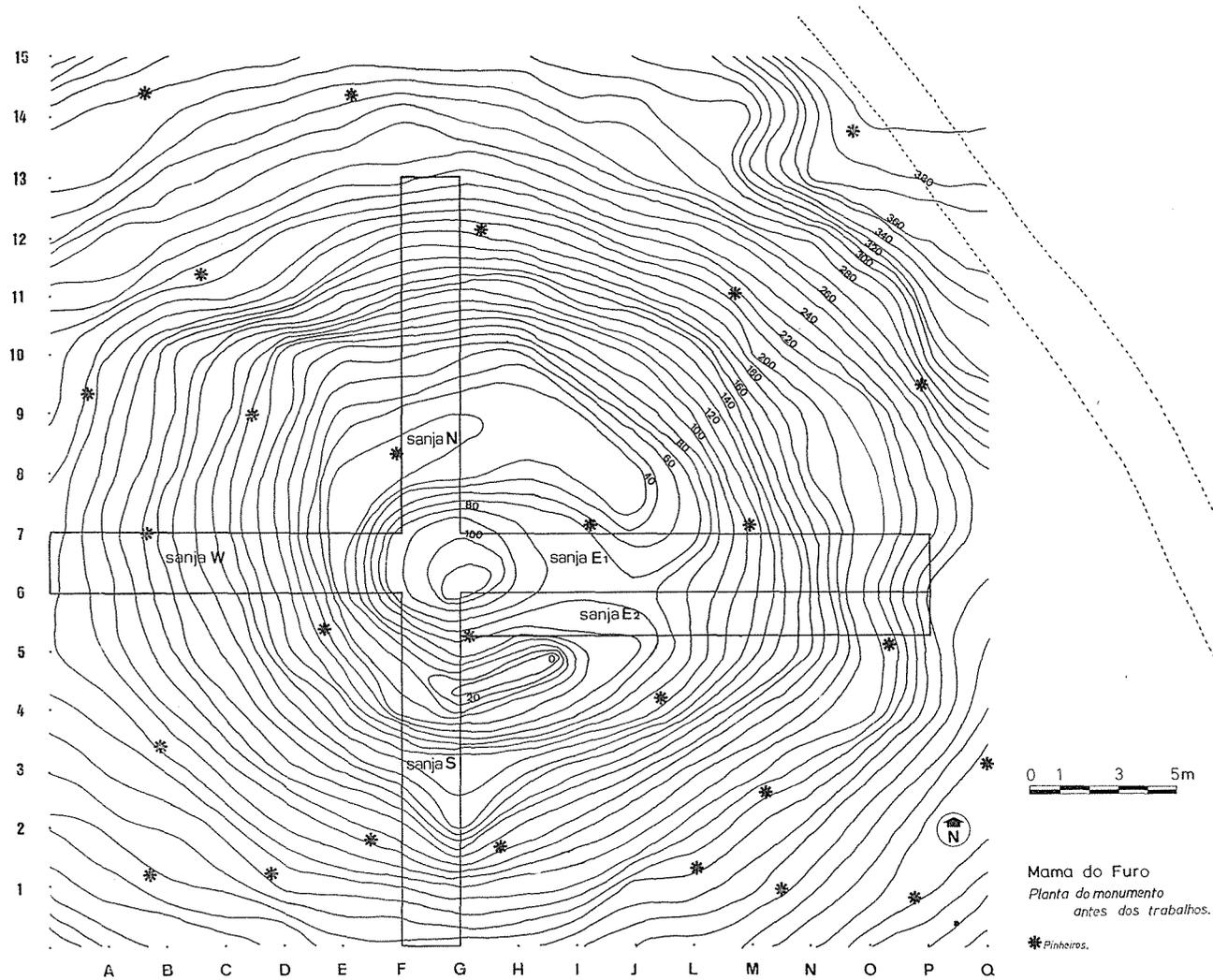


Fig. 3 — Planta do monumento antes dos trabalhos de escavação.

Nestas sanjas é possível definir duas zonas que se excluem mutuamente: a parte ocupada pelos quadrados H-6/7, I-6/7 e J-6/7, onde o caos de blocos era enorme e os fragmentos de cerâmica recente frequentes, resultado de violações e das escavações de Santos Rocha; a restante parte, correspondente aos quadrados L-6/7, M-6/7, N-6/7 e O-6/7, que ele não chegou a escavar e onde se encontrou espólio de interesse, revelou como é importante, se outras razões não houvesse, reescavar monumentos aparentemente já conhecidos.

Não foi possível, infelizmente, definir a planta da câmara e do corredor, uma vez que apenas se encontraram restos de dois esteios, ambos partidos e em arenito silicioso. O esteio n.º 1, na sua posição de origem, foi o único cuja área envolvente foi completamente escavada; de base sub-retangular, estava poisado, tendo a calcetá-lo pequenas pedras; o seu topo estava à profundidade de 1,40 m. O segundo esteio, também «in situ», estava, porém, inclinado para o interior, o que impossibilitou a total escavação da zona contígua, dado o perigo eminente de cair, desconhecendo-se, por isso, se estava ou não enterrado.

Foi ainda detectada uma pequena depressão na rocha de base, junto à qual se dispunham diversas pedras (H-6), podendo talvez ser o local de um terceiro esteio; a alteração deste ponto da mamoa por virtude de já ter sido remexido, leva-nos, no entanto, a ter dúvidas sobre esta questão.

Encontrámos, finalmente, na área correspondente ao corredor, fragmentos de lajes de possíveis esteios ou das tampas destes.

O facto de na parte virgem das sanjas Este não se terem encontrado quaisquer elementos relacionados com a estrutura do corredor, leva-nos a perguntar se, realmente, o espólio exumado, ou parte dele, estaria no interior do corredor ou se, pelo contrário, teria sido depositado à sua entrada. Este problema relaciona-se com a escavação de Santos Rocha, que parece tê-la interrompido na altura em que deixou de encontrar lajes.

Assim, temos duas hipóteses para a planta do dólmen que a actual mamoa encerrou. Se admitirmos, o que não é de forma alguma seguro, que todo o espólio estava no interior do corredor, estaríamos perante um monumento de câmara e corredor longo (a distância do esteio n.º 1 ao espólio cerâmico encontrado «in situ» é de c. 11 m); a sua largura, tomando como balizas os limites da «coroa» exterior e a própria distribuição do espólio, seria de c. 2,5 m.

Mas se pensarmos que parte do espólio poderia ter sido depositado à entrada do corredor, e mesmo arrastado para fora dele quando o monumento ainda era utilizado, então, teríamos um corredor mais curto.

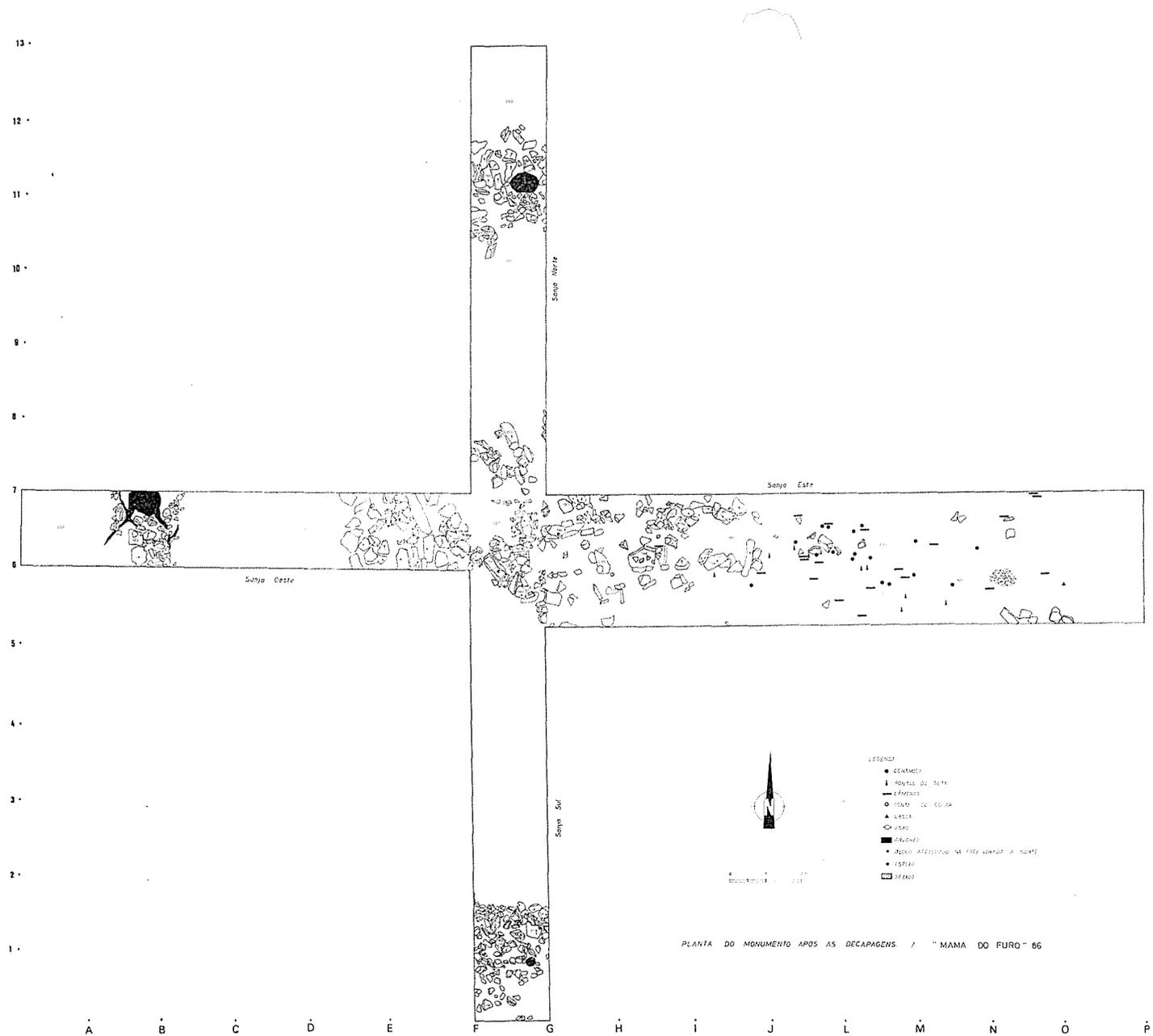


Fig. 4 — Planta do monumento após as decapagens.

Santos Rocha deixou-nos a indicação de que o corredor se orientava para Nascente. Foi com esta ideia que partimos quando iniciámos a escavação deste monumento. Todavia, se analisarmos a distribuição espacial do espólio, dado que não dispomos de outros elementos, e continuando a admitir que, pelo menos uma grande parte estaria no seu interior, verificamos que uma orientação a Sudeste é igualmente admissível, tanto mais que há outros casos similares na Serra da Boa Viagem.

Estamos, de qualquer forma, perante um monumento imponente, que encerraria, por certo, estruturas igualmente importantes.

A estratigrafia da mamoa revelou-se de leitura relativamente fácil, compondo-se, basicamente, de três camadas (Fig. 5).

Perfil Este-Oeste / lado Norte:

1) Camada superficial, de terra vegetal, castanho-escura, acinzentada em algumas zonas, pouco compacta e humosa, com muitas raízes.

2) Camada de terra argilosa, muito dura e compacta, de textura fina, castanho-amarelada, com veios de argila pura avermelhada; é nesta camada que se integram as duas «coroas».

2-a) Veios e manchas de argila pura, avermelhada, por vezes com um grau de humidade bastante elevado.

2-b) Manchas acinzentadas existentes no interior da camada 2.

3) Camada de violação, muito pouco compacta, de terra castanho-alaranjada, com pedra abundante e muito partida.

4) Camada de base, argilosa, muito compacta e de grande plasticidade.

Perfil Norte-Sul / lado Oeste:

1) Idêntica à 1 do perfil anterior.

2) » » 2 » » »

2-a) » » 2-a » » »

3) Camada estéril, de areão grosseiro com pedrinhas, detectada unicamente na sanja Sul e só depois na sanja Este 2.

4) Idêntica à 4 do perfil anterior.

De notar que o perfil ocupado com o quadrado G-9 é parcialmente fictício, uma vez que as fortes raízes do pinheiro aí plantado, obrigaram a avançá-lo 50 cm. Achámos que esta solução não ia impedir a compreensão da estratigrafia do monumento e evitava o derrube, sempre complicado e constrangedor, de árvores de tão grande porte.

De assinalar ainda que os veios da argila vermelha pura (2-a) aparecem imediatamente por baixo dos blocos da «coroa» interior, podendo ter sido aí colocados com a intenção de os firmar e «cimentar», dando-lhes, assim, uma maior eficiência, dada a sua plasticidade e consistência (vejam-se os quadrados F-7 e G-7).

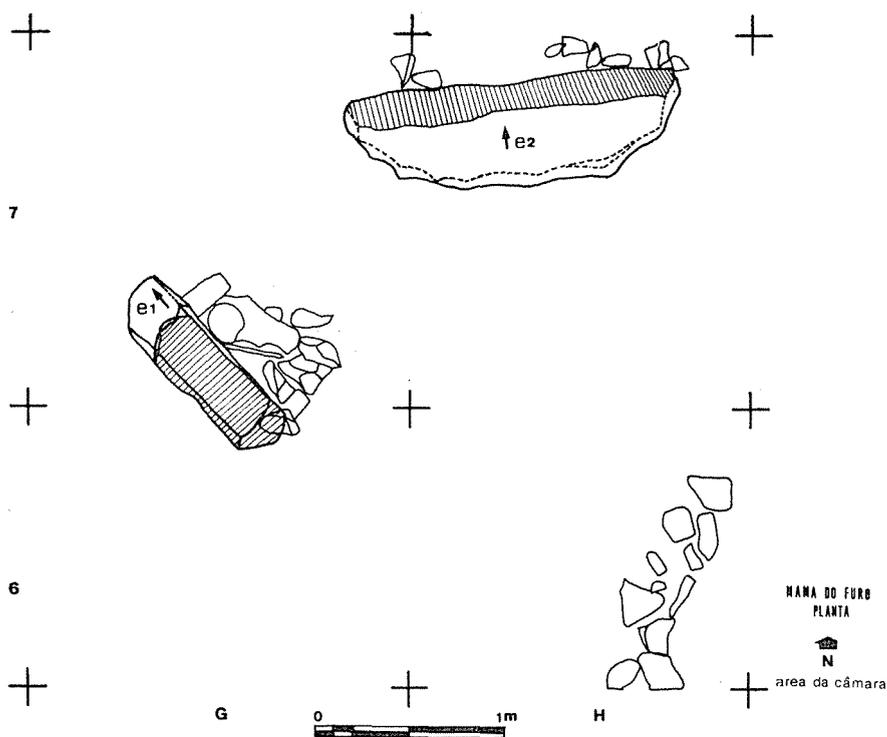


Fig. 6 — Planta da área da câmara.

4. Espólio

Os materiais exumados ao longo das duas campanhas são provenientes das sanjas Este. Juntam-se a este estudo as três pontas de seta, únicos materiais que restam das escavações de Santos Rocha.

O espólio por nós recolhido estava integrado na camada 2, distribuindo-se por uma potência de terra de c. 70 cm; exceptuamos nesta estimativa uma das lâminas, encontrada logo a seguir à primeira decapagem, obviamente fora do seu contexto inicial, assim como a conta de colar, proveniente da base da fossa de violação existente na área da câmara.

4.1. Material cerâmico (Quadro I) ⁽⁶⁾ Est. 1 e 2

Foram encontrados c. 82 fragmentos cerâmicos (21 bordos e 61 fragmentos de bojo) e duas peças completas «in situ».

Todos eles fabricados manualmente, apresentavam-se num estado de deterioração muito avançado, o que obrigou, antes de se proceder ao seu estudo, a um tratamento (impregnação no vácuo) no Museu Monográfico de Conimbriga ⁽⁷⁾ e posterior restauro das duas peças completas (n.ºs 1 e 2).

As pastas caracterizam-se (100 %) pela sua textura friável, essencialmente quartzosas, não calcíticas, com alguma cerâmica moída; predominam os grandes calibres, com uma má distribuição granulométrica. As superfícies, de tons maioritariamente alaranjados, apresentam-se naturalmente corroídas e estaladas; nos casos melhor conservados, nota-se que foi o alisamento a técnica utilizada no acabamento das superfícies.

Morfologicamente regista-se o predomínio absoluto de formas primárias, globulares, em calote de esfera, abertas, a que corresponde uma relativa diversidade de tipos de bordos (convexos, plano-convexos, sub-rectilíneos, reentrantes e extrovertidos); estão ausentes as carenas e os fundos planos, bem como qualquer tipo de decoração.

Para as peças completas é relativamente fácil encontrar paralelos mesmo fora desta área de estudo. A nossa peça n.º 1 integra-se no grupo 4 dos Leisner, definido pelas taças semi-esféricas e em calote de esfera, um dos tipos mais frequentes no eneolítico de Reguengos (v.g. Anta Grande do Olival da Pega) (Leisner, 1985, pp. 89-90 e est. XXVI). O vaso n.º 2

⁽⁶⁾ Neste quadro apresenta-se na segunda coluna (origem) a proveniência das peças, através do ano de escavação, identificação do quadrado, número de catálogo e coordenadas (expressas em centímetros): a primeira corresponde ao posicionamento da peça no respectivo quadrado relativamente ao Norte, a segunda relativamente a Este e a terceira assinala a profundidade a partir do ponto zero convencional. Estes esclarecimentos aplicam-se também aos outros quadros.

O calibre dos e.n.p. (elementos não plásticos) foi classificado em três categorias: grande calibre > 1 mm; médio 0,5 a 1 mm; pequeno < 0,5 mm.

Para a identificação das cores foi utilizado o código «Cailleux» (CAILLEUX, A., *Code des Couleurs des Sols*, Boubée).

As medidas determinadas foram a altura (L), espessura máxima das paredes (es), diâmetro externo da boca (\emptyset ext. bc.) e diâmetro externo da pança (\emptyset ext. pç.); estão expressas em cm.

Distinguiram-se formas abertas (quando o diâmetro da abertura corresponde ao diâmetro máximo) e fechadas (quando o diâmetro máximo é nitidamente superior ao diâmetro da abertura).

⁽⁷⁾ Agradecemos à Dr.^a Adília Alarcão a possibilidade da realização desses trabalhos, bem como a Isabel Pimentel, autora dos mesmos.

Quadro I (º) — CERÂMICA

Est.	Cerâmica	Origem	Análise técnica					Análise morfológica						
			e. n. p.	Textura	Superfície	Cor		Medidas				Forma		Bordos
						Sup. ext.	Fract.	L	es	ϕ est. bc.	ϕ ext. pç	Abert.	Fech.	
8	1	85-M-7 188-0-169	g.de calibre, má distrib., grãos rolados quartzo	friável	natural/e corroída	S-20	S-20	6,3	0,8	18	—	calote-esférica		convexo
8	2	85-M-7 92-155-170	»	»	»	N-55	T-31	8,9	0,7	9	10,2		ovóide	esboroados dois orifícios paralelos
9	3	85-M-7 170-125-160	»	»	»	P-55	»	5,2	0,8	24	—	calote-esférica		convexo
9	4	85-L-7 155-25-185	médio calibre, má distribuição, grãos rolados quartzosos	»	alisada	P-49/ /T-51	P-49/ /T-51	4,1	0,5	15,4	—	esférico		convexo reentrante
9	5	85-M-7 92-155-170	g.de calibre, má distribuição, cerâmica moída	»	»	P-50	T-51	3	0,6	?	—	?		sub-rectilíneo
8	6	85-M-7 92-155-170	médio calibre, má distribuição, quartzoso	»	natural/e corroída	P-53/ /55	P-53/ /55	7,3	0,6	?	—	esférico		plano-convexo
	7	85-L-7 155-25-185	»	»	»	P-37/ /T-31	P-37	2,6	0,5	?	—	esférico		convexo
	8	85-L-7 100-175-166	»	»	»	R-50	R-50	Fragmentos não desmontados						

é, por seu lado, muito semelhante ao n.º 35 daquele monumento alentejano, ambos integráveis no grupo 2 dos mesmos arqueólogos, correspondendo aos vasos esféricos e esférico-achatados (Leisner, 1985, pp. 87-88 e est. XXV).

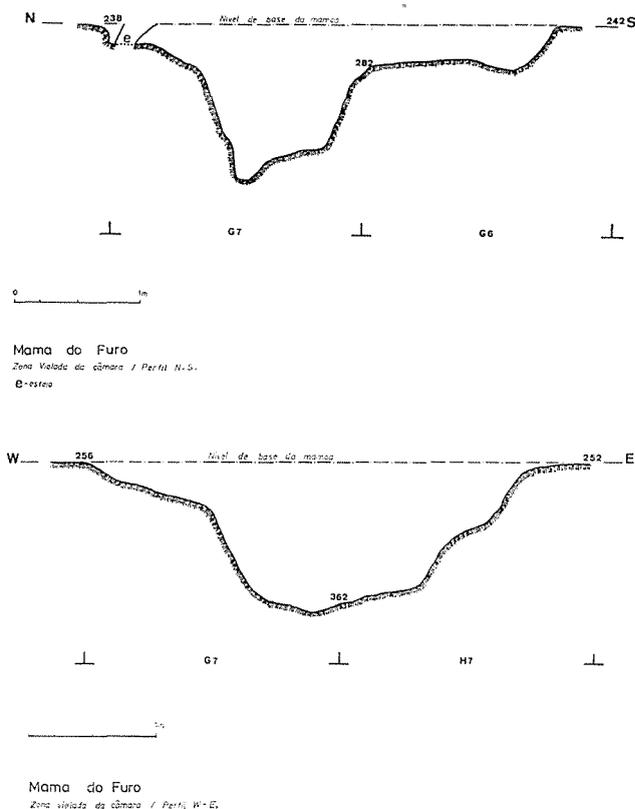


Fig. 7 — Perfis da fossa de violação da área da câmara.

Dos monumentos megalíticos da Serra da Boa Viagem, apenas cinco forneceram cerâmica: Facho, Cabecinha, Cabecinha Grande, Cumieira e Cabeço dos Moinhos. Toda ela, excluindo a campaniforme destes dois últimos monumentos e alguns fragmentos impressos também do Cabeço dos Moinhos, corresponde a formas lisas globulares e, em dois casos, carenadas. Optámos por não desmontar completamente a peça n.º 8, porque em nada iria adiantar os nossos conhecimentos cronológico-culturais, podendo ser mais útil, tal como está, a nível didáctico.

Quadro II — LÂMINAS

Estampas	Lâminas	Origem	Matéria-Prima	Cor	Medidas			Morfologia		Técnica de retoque				Observações
					L	I	es	Secção	Perfil	Inclinação	Amplitude	Forma	Localização	
11	1 Inc.	85 L-7 (1) 62-90-25	sílex acinz.	10 YR 7/2	5,4	1,6	0,4	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	irregular	anv. esq. dir.	raspadeira na ponta distal
13	2 Inc.	85 O-7 (2)	sílex acinz. c/ manchas	10 YR 7/1	2,6	1,4	0,3	trapezoidal	semi-curv.	rasante	marginal	irregular	anv. dir.; rev. distal	
11	3 Compl.	85 L-7 (3) 62-123-140	sílex castanho-amarel.	10 YR 7/3	10,4	2,2	0,4	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	sub-paralelo	anv. esq. e rev. dir.	brilho intenso na área retocada
12	4 Inc.	85 N-7 (7) 140-164-173	sílex acinz. acastanh.	10 YR 6/1	6,3	1,8	0,4	trapezoidal	rectilíneo	rasante	marginal	sub-paralelo	anv. esq. dir.	c/ talão cortical e bolbo
11	5 Compl.	85 L-7 (8) 80-50-150	sílex acinz. acast. c/ manchas	10 YR 6/1	8,5	2,8	0,9	trapezoidal	rectilíneo	abrupto	marginal	sub-paralelo	an. dir.; esq.; rev. proximal	talão facetado e preparado
12	6 Compl.	85 M-7 (9) 92-155-170	sílex acinz.	10 YR 7/2	7,4	1,4	0,4	triangular	curvilíneo	rasante	marginal	sub-paralelo	anv. esq.	brilho intenso na área retocada
13	7 Inc.	85 O-7 (10) 7-90-190	sílex esbranq.	10 YR 8/2	2,3	1,4	0,3	trapezoidal	semi-curv.	—	—	—	—	
13	8 Inc.	85 O-7 (11) 7-90-190	sílex esbranq.	10 YR 7/1	3,1	1,3	0,3	trapezoidal	rectilíneo	—	—	—	—	
12	9 Compl.	85 O-7 (12) 70-170-204	sílex acinz.	10 YR 6/1	8	1,2	0,3	triangular	curvilíneo	—	—	—	—	c/ talão preparado
11	10 Inc.	85 L-7 (13) 116-110-177	sílex amarelo-esbr.	2,5 Y 8/2	4,1	2,2	0,5	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	irregular	anv. esq.; rev. distal	brilho intenso na área retocada
11	11 Inc.	85 L-7 (15) — — 179	sílex amarelo-esbr.	10 YR 8/2	4,8	1,4	0,2	trapezoidal	curvilíneo	abrupto	—	—	anv. esq.	
12	12 Compl.	85 L-7 (16) 179-67-164	sílex cast. acinz.	10 YR 6/1 e 10 YR 6/2	8	1,8	0,4	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	irregular	anv. esq. proximal	c/ talão preparado
11	13 Inc.	85 (21)	sílex acinz.	10 YR 7/1	5,5	2,3	0,4	trapezoidal	rectilíneo	rasante	marginal	irregular	anv. esq.	
13	14 Inc.	85 I-7 (22) 140-98-150	sílex róseo acast.	5 YR 6/2	3,2	1,3	0,3	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	sub-paralelo	anv. esq. dir.	
12	15 Inc.	86 M-6 (23) 50-130-126	sílex esbranq.	10 YR 8/2	6,4	1,6	0,8	trapezoidal	sinuoso	abrupto	marginal	irregular	anv. esq. dir.	
13	16 Inc.	86 M-6 (25) 0-55-130	sílex acinz. castanho	10 YR 7/2	4,8	1,4	0,3	triangular	curvilíneo	rasante	marginal	sub-paralelo	anv. esq.	c/ talão preparado
12	17 Inc.	86 L-6 (28) 82-18-135	sílex acinz.	10 YR 7/1	7,5	2,2	0,5	trapezoidal	curvilíneo	semi-abrupto	marginal	sub-paralelo	anv. esq. dir.	
12	18 Inc.	86 M-6 (29) 20-35-175	acinz. amarelo	10 YR 8/1	6,7	2,2	1	trapezoidal	rectilíneo	semi-abrupto	marginal	irregular	anv. esq. dir.	c/ bolbo
11	19 Compl.	86 N-6 (30) 55-0-182	sílex c/ veios róseos	5 YR 7/1 e 5 YR 6/2	12,1	2,5	0,9	trapezoidal	curvilíneo	abrupto	marginal	irregular e sub-paralelo	anv. esq. dir. e proximal	c/ bolbo
13	20 Inc.	86 O-6 (31) 20-55-176	sílex acinz.	2,5 Y 7/0	2,2	1,4	0,3	trapezoidal	rectilíneo	rasante	marginal	paralelo	anv. esq. dir. e distal	
13	21 Inc.	86 M-6 (32) 125-154-163	sílex esbranq.	10 YR 8/1	3,5	1,5	0,6	sub-trapezoidal	rectilíneo	—	—	—	—	
12	Quase 22 Compl.	86 L-6 (33) 25-85-170	sílex acinz.	10 YR 7/2 e 10 YR 6/1	15,3	2,6	1,2	trapezoidal	curvilíneo	abrupto	marginal	sub-paralelo	anv. esq. dir.	c/ bolbo
11	23 Inc.	85 L-7 (14) 169-110-173 86 J-6 (36) 10-30-191	sílex castanho-acinz.	5 YR 6/1 e 5 YR 6/2	9,6	1,5	0,4	trapezoidal	curvilíneo	rasante	marginal	irregular	anv. esq. dir.	

4.2. Material lítico (Quadro II e III ⁽⁸⁾) (Est. 3, 4, 5, 6)

As peças líticas correspondem a 14 pontas de seta, 23 lâminas ou fragmentos de lâmina, 1 lasca, 1 enxó, 1 conta de colar e 34 seixos.

O material de pedra lascada é, todo ele, em sílex, de tipos muito diversos.

A partir da análise descritiva das pontas de seta, verifica-se o seguinte: a maior percentagem cabe às pontas de seta de bases triangular e bicôncava (92 %), face às de base recta (apenas um exemplar); as de corpo alongado são em número superior (64 %) relativamente às de corpo curto; no que diz respeito ao retoque, predomina o rasante, com uma amplitude total ou invasora distribuída quase equitativamente; a sua forma mais comum é a sub-paralela, seguida da irregular. O perfil curvilíneo de algumas peças, com retoque total apenas numa das faces, sugere a sua obtenção a partir de lâminas.

Estas correspondem a uma «indústria» em que predominam as secções trapezoidais (87 %) face às triangulares; apenas 17 % não foram retocadas; nas restantes (83 %) predominam as que ostentam retoque lateral (58 %) relativamente às que possuem retoque bilateral; o retoque rasante (64 %) é seguido do abrupto e semi-abrupto. Das peças catalogadas merecem especial referência as n.º 1, n.º 5, n.º 3, n.º 6 e n.º 10. A primeira funcionou como raspadeira na sua ponta distal; a seguinte, completa, é um verdadeiro punhal, de contorno triangular, com o talão facetado e preparado; as restantes apresentam na parte retocada um brilho intenso, resultante do corte de gramíneas (domesticadas ou não) ou de outros vegetais, testemunhado um uso prático efectivo.

A enxó (J-7; 64/120/196) é em anfíbolito ou xisto anfibólico esverdeado (5Y5/1), aliás como a maior parte do material polido do Baixo Mondego; tem o talão partido, gume convexo assimétrico, secção e forma geral sub-rectangulares; o polimento está presente no gume e numa das faces, enquanto que a outra é picotada; comp. 11,4; larg. max. 3,6; esp. max. 1,4 cm.

A lasca (0-7; 45/12/178), em sílex castanho com veios avermelhados (10YR6/4), tem um retoque marginal, rasante, bolbo e secção triangular.

(8) A identificação das cores das peças líticas foi feita com base no código Munsell (MUNSELL, *Soil Color Charts*, Baltimore, 1973).

As medidas determinadas correspondem à altura (L), largura máxima (I) e espessura máxima (es). Acharam-se depois os índices de alongamento (L/I) e de espessura ou carenagem (I/es), que permitiram estabelecer dois tipos de corpos (alongado e curto) e três variantes (abatida, alterada e espessa).

Pontas de seta	Origem	Matéria-Prima	Cor	Medidas			Índices		Ponta
				I	L	es	L/I	L/es	
1	Santos Rocha 748/78-A-21	sílex esbranq.	10 YR 8/2	3,7	1,4	0,2	2	7-alterada	frag. bor semi-conv
2	Santos Rocha 749/78-A-20	sílex róseo	5 YR 7/2	3,1	1,6	0,4	1	4-espessa	frag. bor rectilíne converge
3	Santos Rocha s/ n.º registo	sílex creme-acinz.	2.5 Y 7/2	2,4	1,7	0,3	1	5-alterada	partida
4	85 N-7 (4) — — 173	»	2.5 Y 7/2	3,7	2,1	0,4	1	5-alterada	frag. bor rectilíne assimétri
5	85 M-7 (5) 200-139-160	sílex róseo	5 YR 6/2	2,1	1,4	0,2	1	7-alterada	frag. bor rectilíne converge
6	85 M-7 (6) 200-154-158	sílex esbranq.	10 YR 8/2	3,9	1,7	0,4	2	4-espessa	partida
7	85 L-7 (17) 159-93-173	sílex acinz.	10 YR 7/1	2,5	1,2	0,3	2	4-espessa	aguçada com bord rectilíne
8	85 L-7 (18) 135-132-164	sílex amarel.	10 YR 7/4	6,3	1,8	0,4	3	4,5-alterada	»
9	85 J/L-7 (19) 166-0-167	sílex acinz.	10 YR 5/1	4,6	1,4	0,4	3	3-espessa	aguçada com bord semi-conve
10	85 (20)	sílex cast.-acinz.	10 YR 6/2	3	1,5	0,4	2	3-espessa	partida
11	86 N-6 (24) 90-125-132	sílex róseo	5 YR 6/3	3,9	1,5	0,4	2,6	3,7-espessa	aguçada com bord rectilíne
12	86 M-6 (26) 105-45-140	sílex róseo	5 YR 8/2	2,1	1,6	0,4	—	—	partida
13	86 M-6 (27) 73-38-171	sílex cast.-acinz.	7.5 YR 7/2	4,7	1,4	0,3	3	4,6-alterada	aguçada com bord rectilíne
14	86 J-6 (35) 10-145-175	sílex	10 YR 8/2	3,9	1,8	0,3	2	6-alterada	bordos rectilíne

NTAS DE SETA

Morfologia			Técnicas de Retoque			
Corpo	Base	Perfil	Inclinação	Amplitude	Direção	Forma
longado	bi-côncava	curvilíneo	rasante	total-anv.	bifacial	irregular
curto	bi-côncava	retilíneo	rasante	total	bifacial	irregular
curto (partido)	triangular	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base)	irregular
curto	triangular assimétrica	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base)	irregular
curto	fragmentada (recta?)	sinuoso	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
longado m bordos rvilhados	bi-côncava (pedúnculo partido)	curvilíneo	rasante	invasor	bifacial (só na base e bordos)	sub-paralelo
longado	fragmentada (bi-côncava?)	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na ponta)	irregular
longado	triangular	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base e ponta)	sub-paralelo
longado	triangular (esboço de aleta)	sinuoso	semi-abrupto	total	bifacial	sub-paralelo
longado	fragmentada (bi-côncava?)	curvilíneo	rasante	invasor	bifacial (só nos bordos)	sub-paralelo
longado	bi-côncava	retilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
bordos rvilhados (partido)	bi-côncava	retilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
longado	triangular (esboço de aleta)	retilíneo	rasante	total	bifacial	sub-paralelo
longado	triangular	retilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo

Quadro III (8) NTAS DE SETA

Pontas de seta	Origem	Matéria-Prima	Cor	Medidas			Índices		Ponta	Morfologia			Técnicas de Retoque			
				I	L	es	L/I	L/es		Corpo	Base	Perfil	Inclinação	Amplitude	Direção	Forma
1	Santos Rocha 748/78-A-21	sílex esbranq.	10 YR 8/2	3,7	1,4	0,2	2	7-alterada	frag. bor semi-conv	longado	bi-côncava	curvilíneo	rasante	total-anv.	bifacial	irregular
2	Santos Rocha 749/78-A-20	sílex róseo	5 YR 7/2	3,1	1,6	0,4	1	4-espessa	frag. bor rectilíneo convergen	curto	bi-côncava	rectilíneo	rasante	total	bifacial	irregular
3	Santos Rocha s/ n.º registo	sílex creme-acinz.	2.5 Y 7/2	2,4	1,7	0,3	1	5-alterada	partida	curto partido)	triangular	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base)	irregular
4	85 N-7 (4) — — 173	»	2.5 Y 7/2	3,7	2,1	0,4	1	5-alterada	frag. bor rectilíneo assimétrico	curto	triangular assimétrica	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base)	irregular
5	85 M-7 (5) 200-139-160	sílex róseo	5 YR 6/2	2,1	1,4	0,2	1	7-alterada	frag. bor rectilíneo convergen	curto	fragmentada (recta?)	sinuoso	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
6	85 M-7 (6) 200-154-158	sílex esbranq.	10 YR 8/2	3,9	1,7	0,4	2	4-espessa	partida	longado m bordos rvilhados	bi-côncava (pedúnculo partido)	curvilíneo	rasante	invasor	bifacial (só na base e bordos)	sub-paralelo
7	85 L-7 (17) 159-93-173	sílex acinz.	10 YR 7/1	2,5	1,2	0,3	2	4-espessa	aguçada com bord rectilíneo	longado	fragmentada (bi-côncava?)	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na ponta)	irregular
8	85 L-7 (18) 135-132-164	sílex amarel.	10 YR 7/4	6,3	1,8	0,4	3	4,5-alterada	»	longado	triangular	curvilíneo	rasante	total	bifacial (só na base e ponta)	sub-paralelo
9	85 J/L-7 (19) 166-0-167	sílex acinz.	10 YR 5/1	4,6	1,4	0,4	3	3-espessa	aguçada com bord semi-conve	longado	triangular (esboço de aleta)	sinuoso	semi-abrupto	total	bifacial	sub-paralelo
10	85 (20)	sílex cast.-acinz.	10 YR 6/2	3	1,5	0,4	2	3-espessa	partida	longado	fragmentada (bi-côncava?)	curvilíneo	rasante	invasor	bifacial (só nos bordos)	sub-paralelo
11	86 N-6 (24) 90-125-132	sílex róseo	5 YR 6/3	3,9	1,5	0,4	2,6	3,7-espessa	aguçada com bord rectilíneo	longado	bi-côncava	rectilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
12	86 M-6 (26) 105-45-140	sílex róseo	5 YR 8/2	2,1	1,6	0,4	—	—	partida	bordos rvilhados partido)	bi-côncava	rectilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo
13	86 M-6 (27) 73-38-171	sílex cast.-acinz.	7.5 YR 7/2	4,7	1,4	0,3	3	4,6-alterada	aguçada com bord rectilíneo	longado	triangular (esboço de aleta)	rectilíneo	rasante	total	bifacial	sub-paralelo
14	86 J-6 (35) 10-145-175	sílex	10 YR 8/2	3,9	1,8	0,3	2	6-alterada	bordos rectilíneo	longado	triangular	rectilíneo	rasante	invasor	bifacial	sub-paralelo

A conta de colar (H-6; 10/20/255) é em xisto; diam. 0,4 cm e o orifício central 1 mm.

Foram encontrados (0-6) 34 seixos em quartzito, quartzo, xisto e grauvaque, sem quaisquer vestígios de uso ou outra característica não natural; de tamanho muito diverso, variando entre os 12,2 e os 4,2 cm, são igualmente de formas distintas, indo das ovóides às oblongas. Existindo na Serra, poderiam também ter sido apanhados na praia. Não se nos afigura qualquer explicação para eles que não seja de carácter ritual ou simbólico. Sabemos apenas que foram ali colocados intencionalmente e o facto de estarem aglomerados e não espalhados, revela um determinado propósito que, todavia, nos escapa. Parece que nos monumentos n.º 1 e n.º 2 de Chão Redondo (Castro, 1960, 155-156) também foram encontrados seixos rolados mas de diâmetros muito inferiores aos nossos.

De referir, por fim, um fragmento de calcário, irregular, com um orifício natural e um outro fragmento de azeviche ⁽⁹⁾ ou lenhite dura, proveniente da área de violação da câmara.

5. Algumas considerações finais

Os resultados dos trabalhos levados a cabo na «Mama do Furo» indicam-nos que se trata de um monumento isolado e situado num ponto de domínio, características comuns à maior parte dos outros monumentos da mesma necrópole.

É uma mamoa de grandes dimensões, construída basicamente por argila, cuja dureza e compactação foram provavelmente responsáveis pela relativa conservação, em altura, que a mamoa ainda ostenta. A utilização de argila para a construção do «corpo» daquela pode, também, embora outros factores de ordem cultural tenham certamente influído, explicar a ausência de uma «couraça pétre» de revestimento que, como se sabe, teria, entre outras, a função de proteger as terras da mamoa. Com efeito, a estrutura lítica da mamoa resume-se a duas «coroas», uma exterior, delimitativa do monumento, e outra interior, estabilizadora dos esteios que outrora existiram na câmara.

Infelizmente, não foi possível definir a planta deste monumento. Os dados de que já dispúnhamos, deixados por Santos Rocha, e os que entretanto recolhemos, apenas nos permitem dizer, genericamente, que se trata de um monumento de câmara e corredor, provavelmente longo e orientado a Este/Sudeste. Os únicos elementos detectados com segurança

⁽⁹⁾ Agradecemos ao Dr. Huet Bacelar Gonçalves a identificação desta matéria-prima.

no seu sítio original — dois esteios, um deles inclinado para o interior, e duas peças cerâmicas — assim o sugerem.

Paralelos de mamoas construídas desta fora desconhecem-se na zona, simplesmente porque esta foi a primeira a ser «dissecada». O trabalho sistemático e, por isso, meritório, de Santos Rocha estava obviamente condicionado, tal como nós hoje estamos, às concepções e preocupações científicas da sua época, de forma que não possuímos quaisquer dados sobre o tipo de construção dos monumentos megalíticos da Serra da Boa Viagem.

É, portanto, já fora desta área que poderemos tentar encontrar paralelos e semelhanças que, contudo, muito perdem dado o seu afastamento geográfico.

A utilização de argila, em vez de terra humosa, como é mais habitual, para a construção da mamoa, foi, por exemplo, empregue na mamoa de Gestosa (Sendim, Vila Nova de Gaia). Monumento bem mais modesto que o nosso, com apenas uma «coroa periférica de contenção cinturando o monumento» (Jorge, 1984), parece ser um dos melhores paralelos para esta questão que estamos a tratar. Também em Trás-os-Montes oriental se escavou recentemente um monumento em argila ⁽¹⁰⁾.

O monumento da Palhota (Santiago do Cacém) poderá lembrar vagamente o tipo de construção da «Mama do Furo», quando pensamos que também ele foi erguido com areia argilosa e o seu «tumulus» integrava, junto à câmara, uma cintura de pedras e, na periferia, duas «coroas» de blocos (Soares e Silva, 1976-1977).

Estes últimos autores tomam como paralelo para a mamoa da Palhota a mamoa da anta da Valada das Éguas (Évora), formada por uma cintura de pedras junto aos esteios da câmara e uma outra periférica (Pina e Carvalho, 1961), tal e qual como na «Mama do Furo».

São, todos eles, monumentos desprovidos das clássicas «couraças pétreas», normalmente aliadas a construções com terra humosa, com «coroas» ou «anéis» no interior e na periferia, mas também com assinaláveis diferenças, nomeadamente no que diz respeito ao tamanho e à própria largura daquelas «coroas».

Relativamente ao espólio, torna-se mais fácil estabelecer comparações. Entre os materiais líticos provenientes dos outros monumentos da Boa Viagem e expostos no Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», merecem particular atenção as pontas de seta; os tipos predominantes na «Mama do Furo» — os de base triangular e bicôncava — estão presentes na Cabecinha

(10) Comunicação da Dr.^a Maria de Jesus Sanches ao Congresso «Centenário Cuevillas», realizado em Ourense, de 9 a 12 de Dezembro de 1986.

Grande, Cabeço dos Moinhos e Carniçosas, todos eles, fazendo fé na descrição e plantas de Santos Rocha, monumentos de câmara e corredor, tal como a «Mama do Furo».

Esta articulação está igualmente presente nesta área da Beira Litoral, mas já fora desta necrópole. Por exemplo, no monumento n.º 1 dos Moinhos de Vento (Arganil), atribuído ao Calcolítico da região (Nunes, 1981 e Senna-Martínez, 1983); no monumento do Alto da Feteira (Pombal), aliás com uma notável variedade de pontas de seta (Castro e Ferreira, 1969-1970); e ainda no dólmen de S. Pedro Dias (Poiães), embora sem planta definida, estão presentes as pontas de seta de base triangular (Tavares, 1980).

Como se sabe, os Leisner valorizaram cronologicamente as pontas de seta, articulando o tipo de base com a configuração dos bordos. Para o Sul e Ocidente da Península consideraram que as pontas de seta de base triangular e bicôncava, como as nossas, são arcaicas (Leisner, 1965, 190-193; Leisner, 1983, 13). Para esta região específica do Baixo Mondego são ainda muito poucos os dados que nos permitam pensar do mesmo modo. A verdade é que o tipo de ponta de seta em causa aparece frequentemente associado a outros tipos (é certo que essa diversidade pode, num mesmo monumento, corresponder a várias fases de utilização) e aparece igualmente relacionado com outros materiais, como as alabardas (na Cabecinha, Alto da Feteira e Moinhos de Vento), tidos como calcolíticos no Sul, ou então, com materiais claramente calcolíticos, como a cerâmica campaniforme (Cabeço dos Moinhos). Por outro lado, no abrigo natural da Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova), aquele tipo está ausente na «camada dos ossos», atribuída ao Calcobítico pela presença de cerâmica campaniforme (Corrêa e Teixeira, 1949).

Torna-se, com efeito, muito difícil determinar e compreender o significado deste tipo de ponta de seta. Talvez uma valorização cultural, mais do que cronológica, melhor se adapte a esta questão. Assinale-se que é este mesmo tipo de seta que aparece com maior frequência nos monumentos megalíticos do Norte de Portugal (Jorge, 1978).

Relativamente à «Mama do Furo», não temos nenhuns dados que nos autorizem a atribuir-lhe uma cronologia tardia. O espólio cerâmico parece apontar para um certo «arcaísmo»: estão ausentes elementos considerados tardios, como as carenas e os fundos planos; o domínio absoluto de formas lisas, sem qualquer tipo de decoração, globulares ou afins, incaracterísticas, dada a sua longa sobrevivência, designadas normalmente por «cerâmicas de tipo dolménico» (expressão por isto mesmo de conteúdo impreciso e muito vago), acabam por nos ajudar muito pouco na procura

de uma cronologia do monumento. Nas outras mamoas da Serra é esta a cerâmica que aparece; exceptua-se o campaniforme do Cabeço dos moinhos e Cumieira.

Chegámos a recolher duas amostras de carvão que nos dariam, por certo, um apoio confortável de ordem cronológica se as submetessemos a análise, mas tanto uma como outra vêm de zonas de violação, pelo que é mais prudente não lhes atribuir demasiada importância.

Resta-nos referir que, a c. 200 m para Oeste da «Mama do Furo», Santos Rocha escavou o que identificou como um fundo de cabana, arredondado, com o diâmetro de 2 m e de onde exumou alguns fragmentos cerâmicos decorados com mamilos (Guerra, 1969, 265). Nada há que nos leve a relacioná-lo com a mamoa, mas não nos surpreenderia se tal relação tivesse existido.

RESUMO

Publicam-se neste artigo os resultados das escavações levadas a cabo, nos dois últimos anos, na mamoa designada por «Mama do Furo» (Figueira da Foz). Este monumento, aliás como todos os outros da necrópole da Serra da Boa Viagem, era já conhecido no século passado. Nessa altura, chegou a ser parcialmente escavado pelo arqueólogo figueirense Santos Rocha, que nos deixou algumas informações.

Tratava-se de uma imponente mamoa (c. 28 m de diâmetro e 2,34 m de altura), isolada, construída basicamente por argila, muito dura e compacta, e por duas «coroas pétreas», uma exterior, delimitativa da mamoa, outra interior, situada em redor da área da câmara, que teria tido a função de dar um maior equilíbrio e estabilidade aos esteios. De assinalar que os blocos componentes desta «coroa» interior assentavam sobre uma camada de argila vermelha pura, talvez com o intuito de melhor se firmarem, dado o elevado grau de plasticidade daquela.

Das estruturas megalíticas propriamente ditas do dólmen que outrora existiu, apenas se conservaram dois esteios, ambos «in situ», mas partidos, um deles inclinado para o interior. Tratava-se de um monumento de câmara e corredor certamente longo, orientado a Este/Sudeste.

O espólio mais importante reúne 14 pontas de seta em sílex, maioritariamente de bases triangulares e bicôncavas, 23 lâminas ou fragmentos de lâmina, igualmente em sílex, algumas das quais ostentavam um brilho intenso na área retocada, resultante de um uso prático efectivo, e duas peças cerâmicas, praticamente completas, sem decoração, de formas primárias.

SUMMARY

The results obtained through the excavations carried out over the last two years in the barrow known as «Mama do Furo» (Figueira da Foz) are published in this article. This monument, as well as all the others at the necropolis of «Serra da Boa Viagem», was already known last century. At that time, it was only partially excavated

by the archaeologist Santos Rocha, of Figueira da Foz, who left some information registered.

It consists of an impressive barrow (28 m diameter by 2,34 height), it is isolated; basically made out of a very hard and compact clay and has two «rings» of stone, one on the exterior bounding the barrow and the other in the interior around the chamber area, which was probably to give a greater equilibrium and stability to the supports. We must point out that the component blocks of the «rings» in the interior were rested on a layer of pure red clay, possibly with the intention of acquiring a better firmness, due to the high percentage of plasticity of the clay.

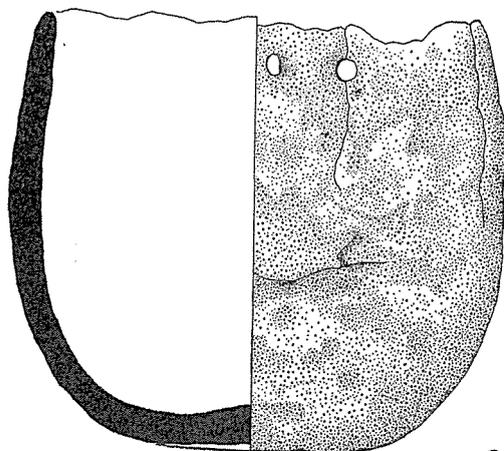
From the megalithic structures of the Dolmen that once existed there, only two supports (both «in-situ» but broken) still remain; one of them is bent forward to the interior. It was a monument with a chamber and a passage grave, probably quite long, facing east/southeast.

The most important objects found were: 14 arrows heads made out of silex (mainly with triangular and biconcave bases); 23 blades (or fragments of blades also made out of silex), some of which shining intensely on the retouched part due to a practical and effective use; two ceramic objects almost complete but without decorations and of primary shape.

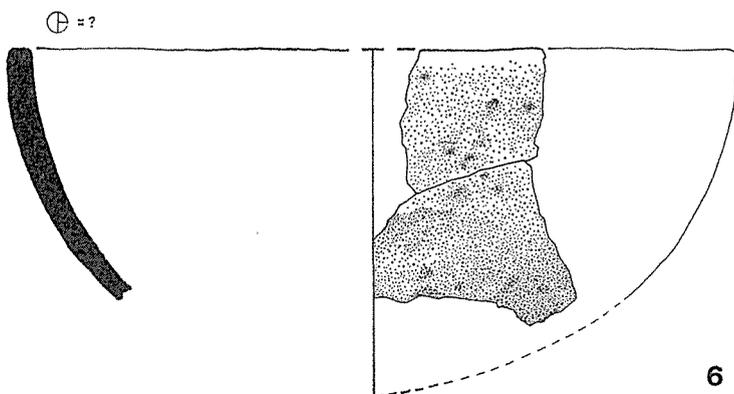
BIBLIOGRAFIA

- BALFET, H. et alii (1983), *Pour la normalisation de la description des poteries*, Paris, C.N.R.S.
- BRÈZILLON, M. (1971), *La dénomination des objets de pierre taillée*, IV supplément à «Gallia Préhistoire», C.N.R.S.
- CAMPS, G. (1881), *Manuel de Recherche Préhistorique*, Paris, Doin éditeurs.
- CASTRO, L. A. (1960), *Monumentos Megalíticos de Chão Redondo*, «Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro», XIV (1-2), pp. 145-174.
- CASTRO, L. A. e FERREIRA, O. V. (1969-1970), *O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal)*, «Caesaraugusta», 33-34 pp. 41-53.
- CORRÊA, A. M. e TEIXEIRA, C. (1949), *A Jazida Pré-Histórica de Eira Pedrinha*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- GUERRA, V. (1969), *António dos Santos Rocha*, «O Arqueólogo Português», 3.^a série, III, pp. 261-279.
- JORGE, S. O. (1978), *Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal*, «Mínia», 2.^a série, 1(2), pp. 99-175.
- JORGE, V. O. (1984), *Escavação da Mamoa de Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia)*, «Gaia», II, pp. 19-38.
- LEISNER, V. (1965), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Madrider Forschungen, Berlin.
- LEISNER, V. (1983), *As diferentes fases do Neolítico em Portugal*, «Arqueologia», 7, pp. 7-15.
- LEINER, G. e V. (1985), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, UNIARCH.
- LEIROI-GOURHAN, A. et alii, (1982), *La Prehistoria*, Nueva Cliö, Editorial Labor, Barcelona, pp. 149-193.
- MOITA, I. (1966), *Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta*, «Ethnos», V, pp. 189-277.

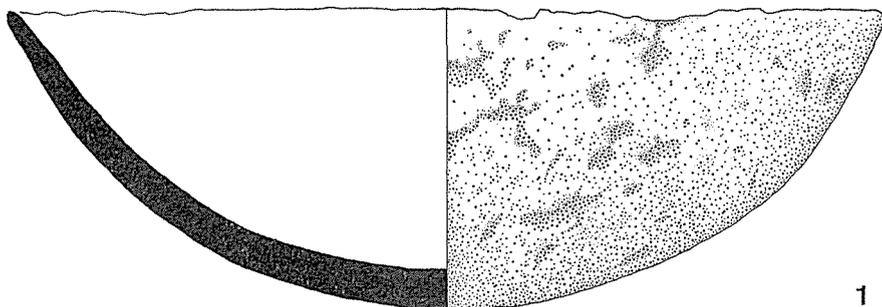
- NUNES, J. C. (1981), *Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva*, Assembleia Distrital de Coimbra.
- PIEL-DESRISSAUX, J.-L. (1984), *L'Outil de Pierre Préhistorique*, Masson.
- PINA, H. L. e CARVALHO, A. M. G. (1961), *A Anta da Velada das Éguas Barrocal — Évora*, «Junta Distrital de Évora», n.º 2, pp. 159-202.
- ROCHA, A. S. (1983), *Explorações Arqueológicas — Megálito da Mama do Furo*, «Revista de Ciências Naturais e Sociais», 2, pp. 85-87.
- ROCHA, A. S. (1949), *Memórias e Explorações Arqueológicas*, I Acta Universitatis Conimbringensis.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1981), *Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: os materiais do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil*, Câmara Municipal de Arganil, Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia, n.º 1.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983), *Ideologia e práticas funerárias no megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil*, «Revista de História Económica e Social», 11, Jan.-Jun., pp. 1-27.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1976-1977), *O Monumento Megalítico da Palhota (Santiago do Cacém)*, «Setúbal Arqueológica», II-III, pp. 109-150.
- TAVARES, A. A. (1981), *O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiães)*, «Clio», 2, pp. 39-57.
- TIXIER, J. et alii (1980), *Prehistoire de la Pierre Taillée (terminologie et technologie)*, Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques, Antibes.



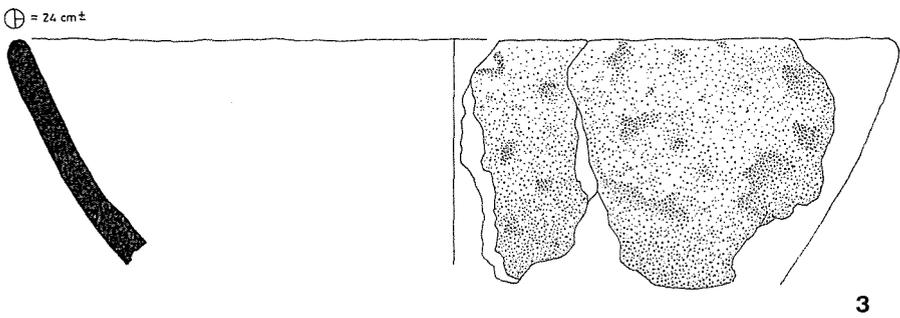
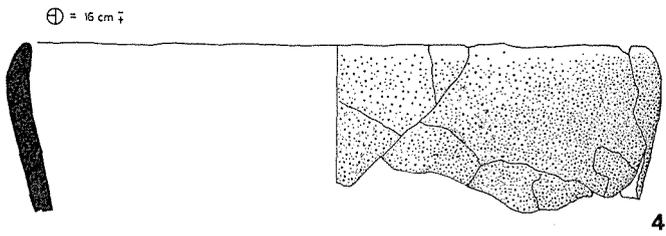
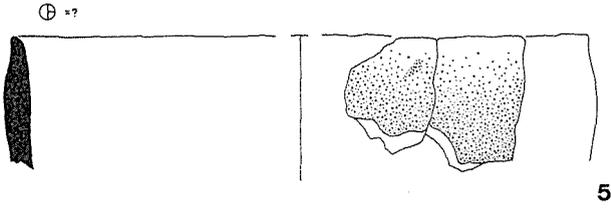
2



6



1



 cm

A horizontal scale bar with a vertical line at the right end, followed by the text "cm".



19



4



6



748



24



27



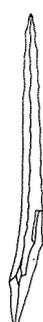
35



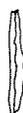
749



20



18



5



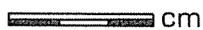
17

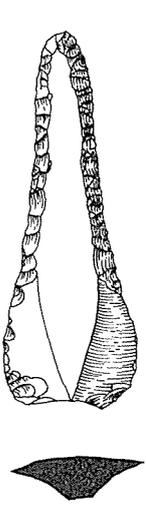


26

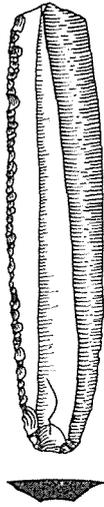


s/r

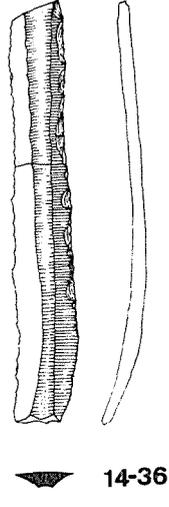




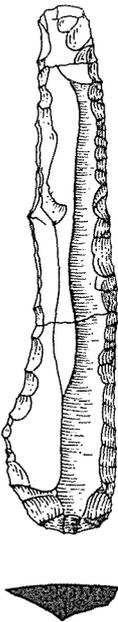
8



3



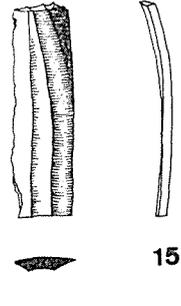
14-36



30



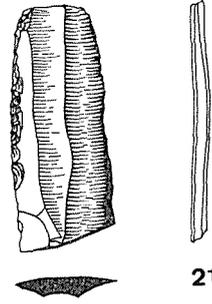
1



15

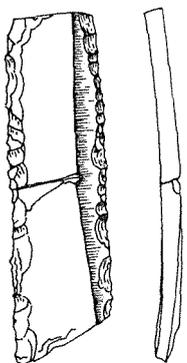


13

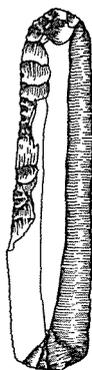


21

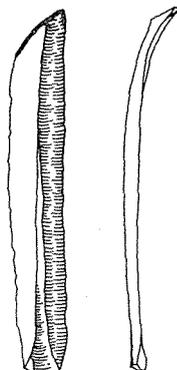




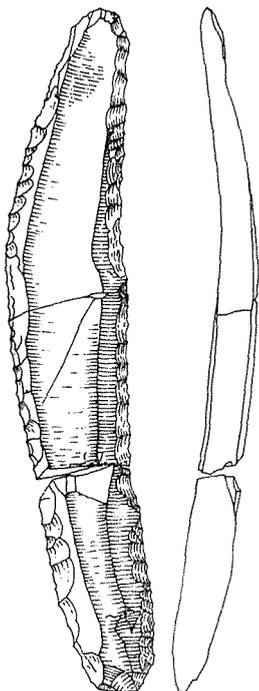
28



16



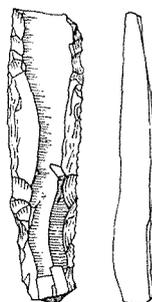
12



33



9



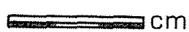
23

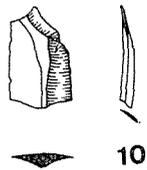
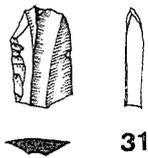
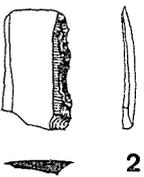
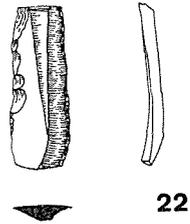
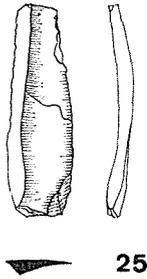
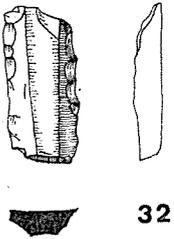
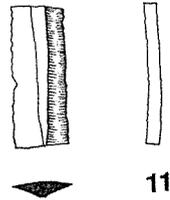
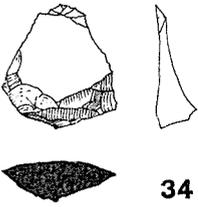
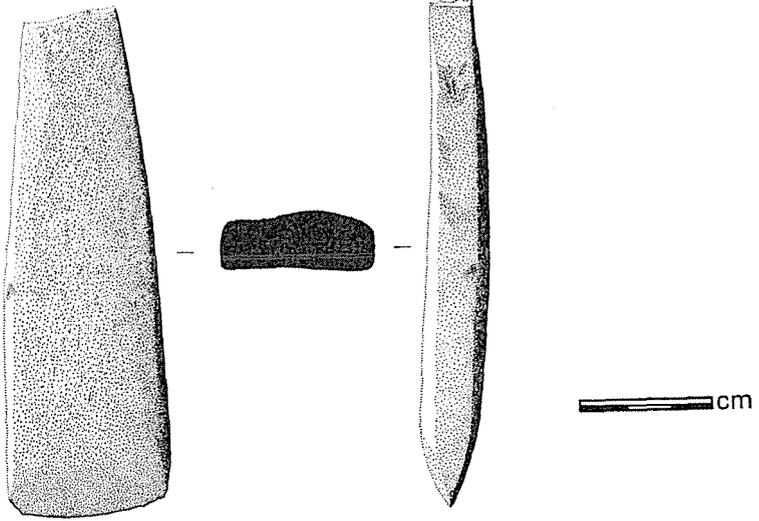


7



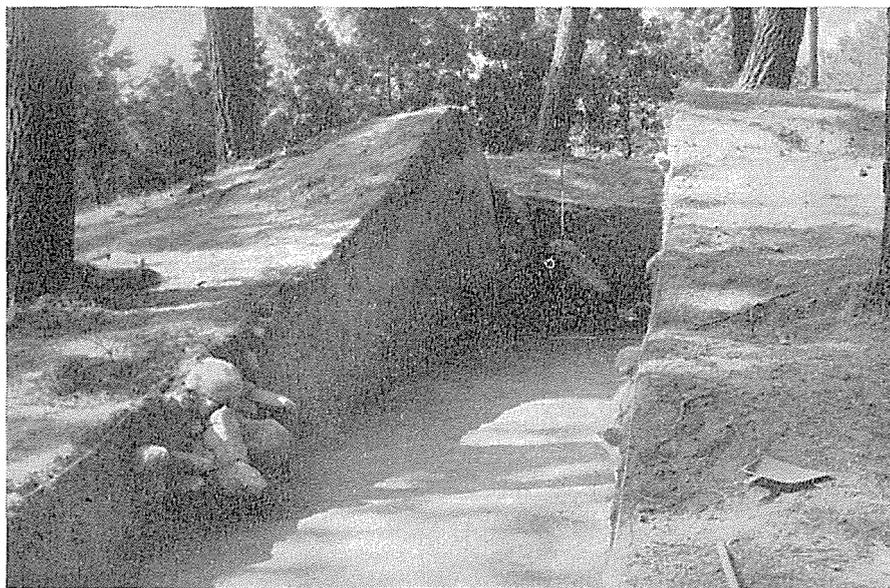
29







1 — Aspecto do monumento antes da escavação.



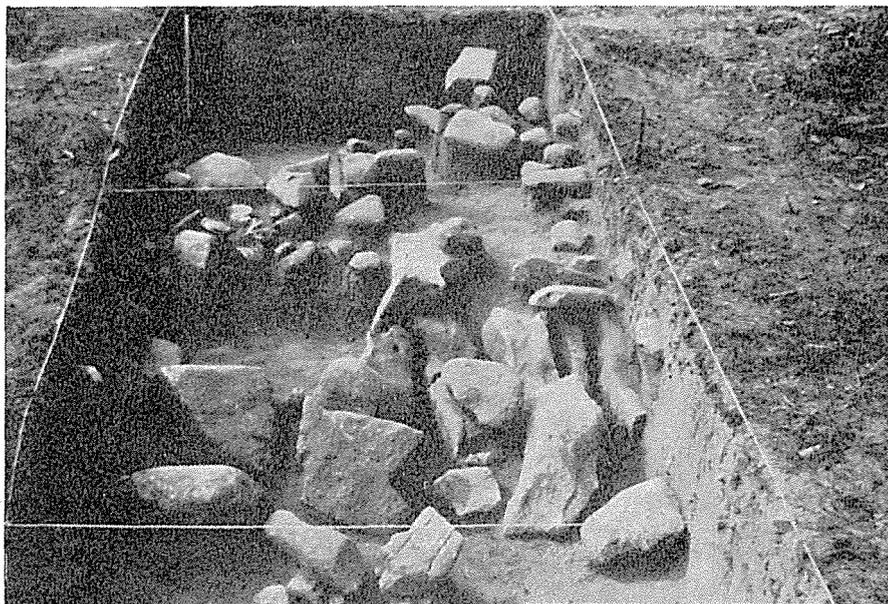
2 — Aspecto da sanja Sul após as decapagens.



1 — «Coroa lítica» exterior da sanja Sul.



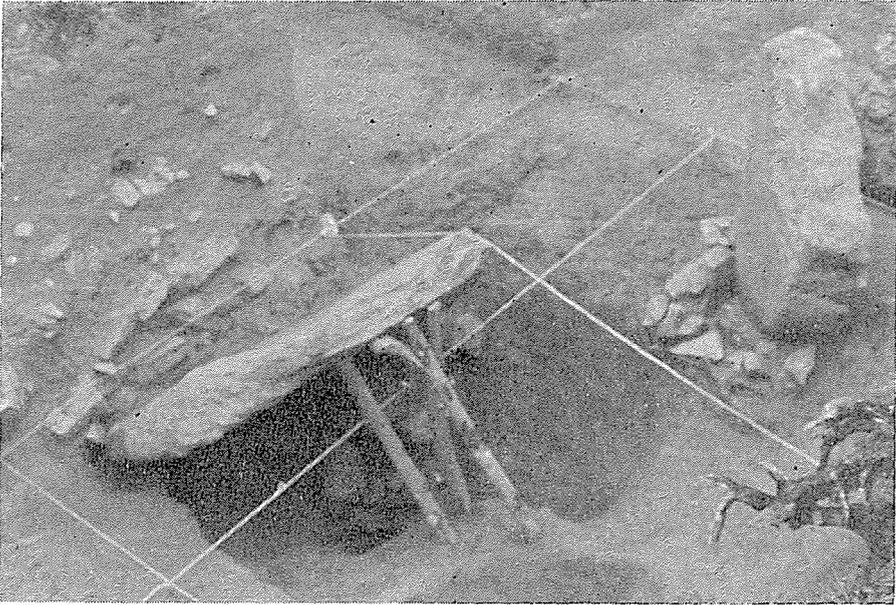
2 — Pormenor do corte Oeste da sanja Sul.



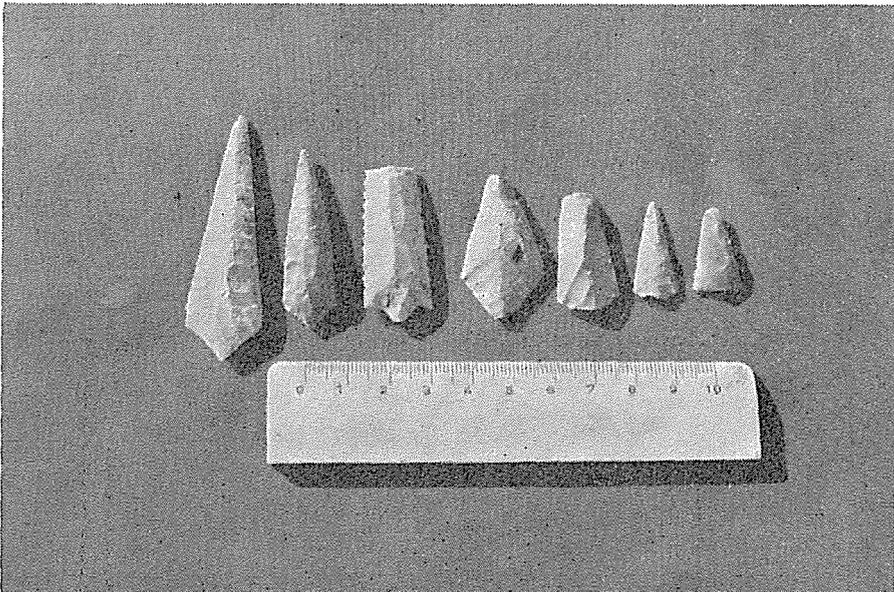
1 — «Coroa lítica» exterior da sanja Norte.



2 — Aspecto da «coroa lítica» interior da sanja Oeste.



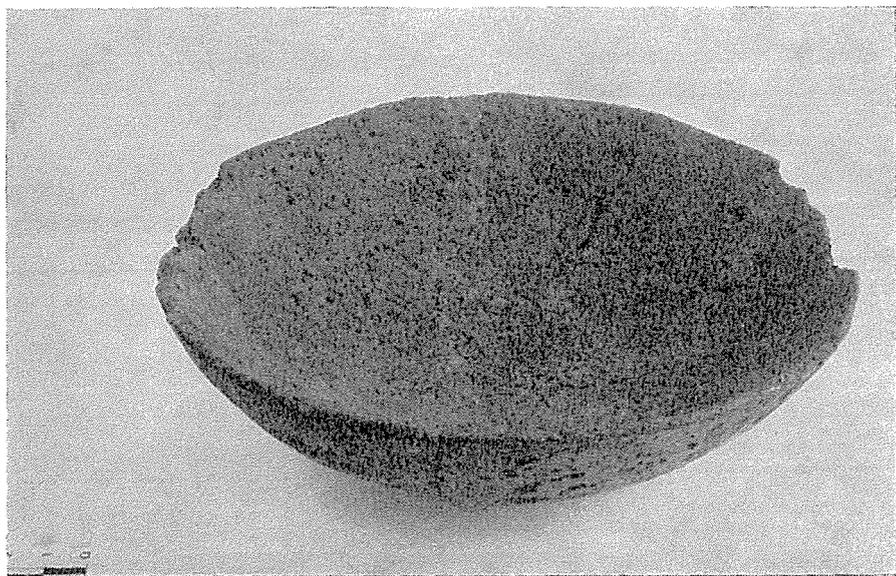
1 — Aspecto da área da câmara no fim dos trabalhos.



2 — Pontas de seta (n.ºs 18, 19, 6, 4, 20, 17 e 5).



1 — Seixos provenientes do Q. 06.



2 — Recipiente cerâmico (n.º 1).